

**APROXIMAÇÕES ENTRE REPORTAGENS E CRÔNICAS: UMA ANÁLISE
DE NARRATIVAS DE MARCELO CANELLAS E RUBEM BRAGA**

Mila Leal Correia Melo¹

RESUMO

Este artigo busca analisar a relação entre reportagem e crônica a partir de especificidades que aproximam e/ou diferenciam os dois gêneros. Para tanto, foram selecionadas uma reportagem televisiva de Marcelo Canellas, exibida no programa Fantástico, da Rede Globo, e uma crônica de Rubem Braga, publicada no livro *O homem rouco*. Foram apresentados os conceitos de reportagem e crônica e analisados o conteúdo dos textos dos dois autores, a partir de uma aproximação metodológica com a técnica de análise narrativa. Os resultados indicaram que as estratégias narrativas utilizadas por Canellas e Braga aproximam os gêneros estudados, apesar das peculiaridades de cada um, e que o texto do jornalista traz marcas do estilo de escrita do cronista.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; literatura; reportagem; crônica.

**APPROACHES BETWEEN REPORTS AND CHRONICLES: AN ANALYSIS
OF NARRATIVES BY MARCELO CANELLAS AND RUBEM BRAGA**

ABSTRACT

This article seeks to analyze the relationship between reporting and chronicles based on specificities that approximate and / or differentiate the two genders. For thus, a television report by Marcelo Canellas, shown on the program Fantástico, from Rede Globo, and a chronicle by Rubem Braga, published in the book *O homem rouco*, were selected. The concepts of reporting and chronicles were presented and the content of the texts of the two authors was analyzed, from a methodological approach with the technique of narrative analysis.. The results indicated that the narrative strategies used by Canellas and Braga approximate the studied genres, despite the peculiarities of each one, and that the journalist's text bears marks of the chronicler's writing style.

KEYWORDS: Journalism; literature; reporting; chronic.

INTRODUÇÃO

Literatura e jornalismo são dois modos de narração que sempre estiveram próximos. Historicamente, escritores brasileiros encontraram espaço na imprensa para disseminação das suas produções. A relação foi estabelecida, inicialmente, através de publicações de romances em jornais impressos, como também com a divulgação de

¹ Mestra em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana, especialista em Gestão da Comunicação Organizacional Integrada pela Universidade Federal da Bahia e graduada em Comunicação Social/ Jornalismo pelo Centro Universitário Jorge Amado. milamelo@gmail.com

poemas, contos e crônicas. A convivência entre literatura e jornalismo ainda pode ser percebida nas produções textuais dos dois campos, com elementos formais e expressivos da escrita literária presentes nas publicações jornalísticas e com temas e técnicas do jornalismo incorporados pela literatura, sobretudo, pela crônica.

A relação entre crônica e jornalismo sempre existiu. Foram nos jornais impressos que o gênero literário começou a ganhar nova face no Brasil. No século XIX, o fluxo de informações aumentou, assim como o número de leitores, e os jornais impressos passaram por modificações. Os rodapés tornaram-se espaços para a proliferação das produções literárias e o jornalismo começa a se transformar. As reportagens adquirem características que ainda hoje são utilizadas pelos jornalistas.

A relação entre os dois gêneros, objeto de estudo deste artigo, foi construída a partir da análise de uma reportagem do jornalista Marcelo Canellas e de uma crônica do escritor Rubem Braga. O interesse pelo estudo decorre do estilo das reportagens de Canellas que trazem informações a partir de uma linguagem que humaniza os relatos, com personagens não usuais e abordando experiências pessoais das fontes. O repórter e o cronista demonstram um olhar diferenciado sobre indivíduos e situações do cotidiano, o que aproxima as narrativas de ambos. A aproximação também está evidenciada em uma entrevista que o jornalista deu para Jennifer Souza em que afirma usar muito a crônica e ser fascinado pela obra do Rubem Braga (2012).

Para este estudo foi utilizada uma aproximação metodológica com a técnica de análise narrativa. Inicialmente deu-se a escolha da crônica e da reportagem através dos seguintes critérios: existência de personagens, presença de personagem central como condutores das narrativas e tema ligado ao cotidiano. Em seguida, foi realizada uma análise criteriosa da crônica e da reportagem tomando como referência os indicadores enredo, tempo, espaço, personagens e linguagem.

Analisando as narrativas é possível verificar que algumas estratégias aproximam as reportagens de Marcelo Canellas e as crônicas de Rubem Braga. Em um primeiro momento, são apresentados os conceitos e as transformações que reportagens e crônicas sofreram a partir do século XIX. Depois, uma reportagem de Canellas e uma crônica de Braga são analisadas a partir do conteúdo de cada texto. São observadas as estratégias

narrativas dos autores. Para finalizar, são estabelecidas relações que aproximam e diferenciam os dois gêneros aqui estudados.

REPORTAGENS E CRÔNICAS

O significado da palavra crônica está relacionado ao tempo e vem do grego *chrónos*. Na Idade Média e no Renascimento a crônica tinha caráter de relato histórico, era ordenada cronologicamente e apenas registrava eventos. No Brasil, a partir do século XIX, nos rodapés dos jornais, a crônica, como gênero literário, começa a ganhar nova face (MOISÉS, 2004). O período é marcado por mudanças sociais com a ascensão da burguesia, o desenvolvimento de uma sociedade capitalista e o aumento da população em centros urbanos. As transformações ocorrem em diversos setores, inclusive na imprensa. A conjuntura, em paralelo com a revolução nas técnicas de produção, provocou aumento no número de leitores e na circulação de jornais (SODRÉ, 1999).

Uma das mudanças ocorridas na imprensa escrita do século XIX foi a destinação de um espaço para a publicação de conteúdos diversos, inclusive textos de ficção. O espaço destinado ao conteúdo ficcional era chamado de *folhetim* e ocupava o rodapé dos jornais, geralmente na primeira página. O *folhetim* surgiu no início do século XIX na imprensa francesa. No rodapé dos periódicos os leitores encontravam publicações de assuntos como críticas teatrais, resenhas de livros, política, literatura, moda e jogos de adivinhação, entre outros (SOARES, 2014).

Os textos com conteúdos diversificados, linguagem coloquial e comentários dos escritores são os embriões da crônica como gênero literário brasileiro. O termo distancia-se do conceito inicial, relacionado aos relatos históricos, e começa a se aproximar da acepção moderna, como o concebemos hoje, ou seja, um texto curto e despretensioso, geralmente, sobre temas do cotidiano. Com o tempo, a crônica ganhou linguagem mais leve e no Brasil tornou-se um gênero literário com características específicas, como o humor, a ironia, a simplicidade e a brevidade.

Antonio Candido (1992), ao relacionar crônica e *folhetim*, observa que as mudanças só foram possíveis devido ao aumento da tiragem e o teor mais acessível dos

jornais. Ele explica que a crônica não surge com os periódicos brasileiros, mas graças às transformações que o *folhetim* sofreu no país. A crônica, diz ele, encurta e ganha um tom ligeiro. Escritores brasileiros, como Machado de Assis e José de Alencar, ainda no século XIX, contribuíram para a disseminação:

Antes de ser crônica propriamente dita foi “*folhetim*”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da seção “Ao correr da pena”, título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o *Correio Mercantil*, de 1854 a 1855. Aos poucos o “*folhetim*” foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje (CANDIDO, 1992, p. 15).

O gênero literário ganha novas perspectivas a partir do século XX, especialmente com a Semana de Arte Moderna de 1922, quando os cronistas passam a utilizar a narrativas para fazer críticas e denúncias e os textos adquirem marcas de seus autores, com opiniões e expressões. Na literatura, a crônica, de acordo com definição de Davi Arrigucci Júnior (1987), é um texto curto, subjetivo, na primeira pessoa do singular, pessoal, despretensioso, próximo da conversa e do cotidiano e com linguagem simples e comunicativa.

No século XIX também ocorreram mudanças significativas na prática jornalística. A reportagem, assim como o próprio jornalismo em geral, passou por transformações. Na Europa, até o século XIX, os jornais tinham caráter publicista e o que atraía o leitor eram os artigos que emitiam opiniões sobre os principais assuntos da sociedade. Outras questões, como fatos políticos e comerciais, eram divulgadas, mas como atrações secundárias. A forma de fazer jornalismo muda a partir da Revolução Industrial:

Foi necessário mudar progressivamente o estilo das matérias que os jornais publicavam. A retórica do jornalismo publicista era impenetrável para os novos leitores, herdeiros de uma tradição de cultura popular muito mais objetiva. Além disso, a guerra de opiniões perdia interesse porque não havia, como antes, aristocracia poderosa para se opor ao pensamento burguês e a organização dos operários para a ação política contínua sempre esbarrou em grandes obstáculos – quando não a repressão policial, a recessão econômica (LAGE, 2017, p. 13).

Com o aumento do número de potenciais leitores era preciso lançar estratégias para atraí-los. Uma delas foi, como já foi dito anteriormente, o espaço destinado ao *folhetim*, com a publicação, por exemplo, de textos literários. O contexto também foi propício para o surgimento da reportagem. Nilson Lage (2017) afirma que escritores de folhetins e jornalistas foram obrigados a aproximar a escrita da oralidade, a divulgar notícias em primeira mão e a dar importância aos títulos dos textos, para atrair o público.

As mudanças puderam ser notadas também na formatação gráfica e impressão dos jornais impressos. Inovações técnicas permitiram a reprodução de ilustrações e fotos, além de terem proporcionado mais agilidade no processo de produção. Do ponto de vista editorial, de acordo com Marialva Barbosa (2010, p. 122), “a valorização do caráter imparcial leva à criação de colunas fixas para informação e para opinião, ao mesmo tempo que os jornais privilegiam a edição de notícias informativas, em detrimento da opinião”.

Com as mudanças gráficas e editoriais, a participação do leitor passa a ser essencial, principalmente, para a popularização dos periódicos. O conteúdo, que incluía histórias e personagens do cotidiano, e a forma de escrever deixaram o leitor mais próximo da imprensa. Outras mudanças surgiram no jornalismo no fim do século XIX e início do século XX. Nilson Lage (2017, p. 17) explica que a indústria dos jornais nos Estados Unidos prosperou e, para atrair o público, passou a existir disputas pelo ineditismo da notícia. Além disso,

Estabeleceu-se que a informação jornalística deveria reproduzir os dados obtidos com as fontes; que os testemunhos de um fato deveriam ser confrontados uns com os outros para que se obtivesse a versão mais próxima possível da realidade (a lei das três fontes: se três pessoas que não se conhecem nem trocaram impressões contam a mesma versão de um fato que presenciaram, essa versão pode ser tomada por verdadeira); que a relação com as fontes deveria basear-se apenas na troca de informações; seria necessário, nos casos controversos, ouvir porta-vozes dos diferentes interesses em jogo (LAGE, 2017, p. 18).

A notícia deixou de ser uma narrativa em sequência temporal e passou a valorizar o aspecto mais importante do fato e a informação principal ganha destaque no primeiro parágrafo na forma do lead (com as circunstâncias de tempo, lugar, modo,

causa, finalidade e instrumento). A linguagem retórica foi deixada de lado e a notícia adquire na sociedade outras funções, além de informar. Através dos jornais, o leitor ampliou o acesso a outras fontes de informação como textos literários e documentos oficiais. “O fato, porém, é que a informação deixou de ser apenas ou principalmente fator de acréscimo cultural ou recreação para tornar-se essencial à vida das pessoas” (LAGE, 2017, p. 21).

Michael Schudson, ao tratar da história dos jornais nos Estados Unidos, explica que a reportagem é uma invenção do século XIX, assim como a notícia. Para o autor, a partir de 1830 os jornais norte-americanos passaram a publicar notícias locais com regularidade. “[...] os jornais começaram a reverberar não os eventos de uma elite numa pequena sociedade mercantil, mas as atividades de uma sociedade de classe média cada vez mais variada e urbana, ligada ao comércio, transporte e indústria” (2010, p. 34).

No Brasil, estudiosos, como Cremilda Medina (1988), apontam que as mudanças puderam ser notadas a partir da industrialização da imprensa no início do século XX e que o contista, cronista e repórter João do Rio é responsável por mudanças significativas no jornalismo. O autor contribuiu para o processo de transformação da reportagem e também da crônica no Brasil. João do Rio, pseudônimo de João Paulo Alberto Coelho Barreto, nasceu em 1881 e aos 18 anos começou a trabalhar em jornais do Rio de Janeiro.

João do Rio escrevia contos, crônicas, peças de teatro e reportagens e seus textos tinham como pano de fundo a conjuntura social da capital fluminense (SOUSA, 2009). Para narrar os fatos e as transformações sociais do fim do século XIX e início do século XX, João do Rio ia atrás dos acontecimentos nas ruas da cidade. Ele buscava pelos logradouros do Rio de Janeiro os assuntos que eram abordados nas suas narrativas e, assim, registrava costumes, comportamentos e as desigualdades sociais do início do século XX.

A narrativa de João do Rio, apesar de deixar registrada a vida urbana do início dos anos de 1900, não se interessa pela função histórica da crônica, que segundo Massaud Moisés, não tem qualquer relação com o sentido literário do termo e está mais próxima da historiografia porque “colocada, assim, entre os simples anais e a História propriamente dita, a crônica limitava-se a registrar os eventos, sem aprofundar-lhes as

causas ou dar-lhes qualquer interpretação” (2004, p. 110). O escritor não segue uma mera sequência de fatos nos textos para tratar de assuntos como o crescimento e as desigualdades sociais do Rio de Janeiro. Ele ia à procura das histórias que estavam acontecendo nas ruas das grandes cidades. O autor, a partir do seu olhar, é quem dá relevância ao discurso que quer empregar na crônica.

Carlos Ribeiro, no livro *Caçador de ventos e melancolias: um estudo da lírica nas crônicas de Rubem Braga*, chama a atenção para a importância de João do Rio na evolução da crônica no Brasil. Para Ribeiro, a “grande guinada do gênero para a forma pela qual ele é conhecido hoje, aconteceria por volta de 1900, com Paulo Barreto, mais conhecido pelo pseudônimo de João do Rio”. Ele ainda acrescenta que a crônica ganha características básicas, como “o registro de fatos e acontecimentos do dia a dia, de forma aparentemente despretensiosa, filtrado pela subjetividade do cronista, que percorria a cidade como um *flâneur*” (RIBEIRO, 2001, p. 42).

Jaqueline Lemos Martins afirma, em sua tese de doutorado (2016, p. 38), que a forma de trabalhar de João do Rio foi importante para o jornalismo. O repórter e cronista, ao ir às ruas em busca de notícias, exaltou a essência da prática da reportagem: “Atitudes raríssimas naqueles tempos de um jornalismo ainda ensimesmado em priorizar artigos de fundo que exaltavam autores e suas ideais. As páginas de jornais e revistas não eram espaço de destaque da reportagem”. Os textos jornalísticos, que até então tinham caráter mais opinativo, passaram a ser escritos por João do Rio a partir do contato com as fontes, técnica que foi implementada no jornalismo:

A observação da realidade, como característica essencial do repórter, foi realmente o ponto de partida de João do Rio ao produzir reportagens e ao renovar a crônica. Suas matérias são consequências de um levantamento intencional de situações presentes, captadas num mundo exterior [...]. A coleta de informações por meio de fontes, ou melhor, entrevistas a fontes, é a grande conquista técnica que João do Rio lança no jornal brasileiro (MEDINA, 1988, p. 60-61).

O repórter, a partir das observações da realidade e da utilização de técnica de coletar informações diretamente com as fontes, testemunha e registra os acontecimentos de uma época. João do Rio, por exemplo, narrou em crônicas e reportagens o Rio de

² “Termo usado por Baudelaire para descrever o anônimo observador das ruas, que percorre a cidade moderna mergulhado em seus próprios pensamentos” (RIBEIRO, 2001, p. 49).

Janeiro do início do século XX. Os textos jornalísticos e literários escritos pelo escritor lançaram um olhar sobre situações da realidade e deixaram marcas importantes para a reportagem como tendência a humanização e a descrição de costumes (MEDINA, 1988, p. 59).

Sodré e Ferrari (1986) também apontam tais características como sendo as principais de uma reportagem. Além da predominância dos relatos humanizados, para os autores, as reportagens possuem forma narrativa, são objetivas e de natureza impressionista. As “[...] características poderão aparecer com maior destaque. Mas será sempre necessário que a narrativa (ainda que de forma variada) esteja presente numa reportagem. Ou não será reportagem” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 15).

Assim como na crônica, a reportagem é construída a partir dos assuntos do cotidiano. “Os assuntos estão sempre disponíveis (a informação é matéria-prima abundante, como o ar, e não carente, como o petróleo) e podem ou não ser atualizados (ou tornados oportunos) por um acontecimento” (LAGE, 2006, p. 56 e 55). A forma que o repórter vai tratar o fato é que vai diferenciar uma narrativa das demais.

No jornalismo atual, as reportagens não são caracterizadas como relatos impessoais, frios e descoloridos e estão cada vez mais voltadas para a humanização dos relatos e, assim como as crônicas, registram o cotidiano, os costumes e as histórias de uma época. São narrativas que aprofundam e contextualizam os acontecimentos e que, mesmo tendo o caráter informativo, retratam a realidade com um estilo mais livre e menos rígido e imediatista.

As características que aproximam crônica literária e reportagem e a relação entre os dois gêneros também são observadas por teóricos como Massaud Moisés (1998). O estudioso afirma que “[...] em toda crônica, por conseguinte, os indícios de reportagem situam-se na vizinhança, quando não em mescla com os literários; e é a predominância de uns e de outros que atrairá o texto para o extremo do jornalismo ou da literatura”. Ainda para o autor, “a crônica oscila, pois, entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia” (1998, p. 105).

CONTADORES DE HISTÓRIAS

A reportagem e a crônica sempre estiveram presentes nas trajetórias profissionais de Marcelo Canellas e Rubem Braga. Canellas é repórter de televisão desse 1988 e atualmente é repórter especial do programa Fantástico, da Rede Globo. Nas reportagens especiais, Marcelo Canellas, além de propor pautas sobre temas mais complexos para as chefias de jornalismo, pode aprofundar assuntos e trabalhar a narrativa com um período de tempo maior do que no jornalismo diário. O trabalho do repórter não é solitário e é preciso ter uma equipe que contribua para a descoberta de histórias e construção de pautas consistentes.

Os temas das reportagens de Marcelo Canellas são variados, como denúncias contra falta de serviços públicos, histórias de superação, fome, violência, pessoas que passam despercebidas na sociedade e relações familiares. Paralelo à função de repórter, Marcelo Canellas escreveu crônicas semanais, entre 2002 e 2016, e mensais, em 2019 e 2020, para o jornal *Diário de Santa Maria*³.

Os temas propostos e as ferramentas utilizadas por Canellas na construção das reportagens produzem narrativas humanizadas sobre assuntos que estão ligados ao cotidiano das pessoas, como, por exemplo, a fome, o reconhecimento de paternidade e a violência. Os recursos que o repórter emprega deixam a reportagem mais próxima do telespectador e ele afirma que busca em gêneros literários e na obra de escritores como Rubem Braga a inspiração para tratar dos assuntos que fazem parte do cotidiano das pessoas:

A crônica é um gênero marcadamente brasileiro que eu adoro por tratar da “desimportância”, alargando a significação do banal. Tudo aquilo que não é importante pode ser um grande assunto para crônica. Sou absolutamente fascinado pela obra do Rubem Braga, que escrevia sobre o nada de maneira brilhante. Braga escrevia sobre borboletas e passarinhos, quando estava, na verdade, falando sobre as pessoas, sobre sentimentos humanos como os de desamparo e solidão. O jornalismo trata do que é importante e a crônica trata da “desimportância”, mas há pontos de contato entre os dois. Uso muito a crônica. Acho que sempre fui cronista nos meus textos jornalísticos para a televisão, porque sempre estive ligado ao cotidiano das pessoas, e isso me atrai (MARCELO CANELLAS *apud* SOUZA, 2012, p. 339).

³ Em 2013, Marcelo Canellas lançou o livro **Províncias: Crônicas da Alma Interiorana** (Editora Globo) com a seleção de 70 crônicas publicadas no jornal *Diário de Santa Maria*. Os textos não são objeto de análise deste estudo.

Apontado pela crítica como consolidador da crônica moderna, Braga escreveu, ao longo da vida, mais de 15.000 crônicas⁴ sobre temas variados. A relação de Rubem Braga com o jornalismo sempre existiu. Bacharel em Direito por formação, o cronista nunca foi buscar o diploma na Faculdade de Direito de Belo Horizonte e sua vida profissional esteve associada aos jornais. De acordo com Carlos Ribeiro (2009, p. 88), Braga escreveu sobre quase todos os temas importantes do século XX: religião, política, ditaduras, presos políticos, censura, pobreza, desigualdade social, novas tecnologias, mulheres no mercado de trabalho, cultura, ecologia e muitos outros. As crônicas apresentam, portanto, um panorama das situações políticas, sociais e culturais que chamaram a atenção do autor.

Rubem Braga consolidou-se como cronista com narrativas próximas da oralidade, simples, leves, líricas, melancólicas, críticas e sobre diversos assuntos. O escritor vivenciou importantes transformações sociais ao longo de sua trajetória profissional e registrou nas crônicas histórias e experiências pessoais e coletivas que ajudam a compreender a conjuntura do século XX. Os principais veículos para publicação dos textos do escritor foram os jornais e revistas e o contato diário do leitor com as narrativas contribuiu para a consolidação da crônica no Brasil.

Em reportagens de Marcelo Canellas, assim como em crônicas de Rubem Braga, fatos do cotidiano ganham dimensão e transformam-se em textos, televisivos e impressos, próprios e singulares. O repórter e o escritor conseguem extrair, de um amplo universo de acontecimentos, histórias e personagens exemplares para tratar de assuntos que podem ser considerados, em um primeiro momento, menos importantes. O que torna os textos diferenciados é a forma que ambos utilizam para construir as narrativas.

Rubem Braga e Marcelo Canellas retrataram em suas narrativas situações que trazem um aprofundamento de questões pela forma como foram narradas. Os olhares dos autores transformaram histórias recortadas do cotidiano em narrativas que mostram comportamentos e transformações da sociedade. Nas narrativas, os dois autores partem do singular para tratar de questões mais gerais e, assim, aproximam o leitor e o telespectador das histórias das personagens.

⁴ CASTELLO, José. Na cobertura de Rubem Braga. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

Na reportagem *Chapeleiro cruza o Brasil e espalha mais de 11 mil criações personalizadas*, veiculada no *Fantástico*, no dia 20 de abril de 2014, Marcelo Canellas conta a história de Durval Sampaio, chapeleiro que percorre o país produzindo chapéus e promovendo oficinas para crianças de comunidades pobres. A reportagem mostra que a personagem abriu mão da lógica do ter e demonstrou desapego às regras impostas por uma sociedade capitalista. A história narrada apresenta ao telespectador uma quebra de expectativa do que é considerado padrão por boa parte das pessoas, já que Durval escolheu peregrinar, não ter moradia fixa e emprego formal, fazer chapéus e seguir um ofício que não é comum nos dias atuais, principalmente para um homem jovem, como é o caso da personagem.

No início da reportagem, Marcelo Canellas intercala *offs* curtos e sonoras de Durval Sampaio, com diversas trilhas musicais, para apresentar a personagem e dar exemplos da relação do chapeleiro com o adereço que produz. “Se não estiver usando chapéu, é certeza, Durval estará fabricando um. A primeira lembrança da infância? Chapéu. O primeiro namoro sério? Por causa de um chapéu”. As trilhas musicais e os sons ambientes captados pelo repórter cinematográfico e usados na edição, como o emitido pela máquina de costura, estão sincronizados com as imagens e o texto. A sonoridade possui informação e é utilizada na reportagem para ajudar na construção de sentidos e na transmissão da mensagem de forma lúdica.

Canellas também utiliza metáforas na narrativa, quando, por exemplo, vai explicar por quais lugares do país a personagem passou produzindo chapéus. Os nomes dos locais visitados por Durval estão na lataria de um automóvel e os escritos são chamados pelo repórter de diário de bordo, remetendo ao instrumento utilizado na navegação para registrar os acontecimentos mais importantes de uma viagem. Canellas explica que Durval saiu de São Paulo em um furgão e que “em um ano de peregrinação, o chapeleiro sem CEP [...] percorreu 19 mil quilômetros passando por 17 estados e fazendo da lataria do automóvel um inusitado diário de bordo”.

A narrativa traz ainda um universo multifacetado e colorido do chapéu, vestimenta muito utilizada até o início do século XX e que é descrito pelo repórter e pela personagem principal como acessório, mas também como símbolo de uma cultura. A escolha do local para captação de imagens e sonoras, uma cidade do interior,

demonstra que Canellas quis destacar a importância cultural do chapéu, porque em grandes centros urbanos não é comum encontrarmos uma grande quantidade de pessoas usando o objeto, como podemos observar em um trecho decupado da reportagem:

OFF: Objeto, hábito, cultura. A identidade do interiorzão no alto da cabeça.

Sonora Durval Sampaio (chapeleiro): Posso ver ele?

Sonora Luís Lopes (agricultor): Pode!

Sonora Durval Sampaio (chapeleiro): Se quiser ver o meu também... Ele personifica cada um daqueles senhores, né? Não é a camisa, não é a bota, mas jogar aquele chapelão num centro, numa metrópole, aquilo vai destacar ele. Tenho certeza absoluta disso.

Percebemos ainda no texto do repórter e nas sonoras selecionadas a intenção de trazer reflexões sobre cultura e hábito a partir do uso de um adereço. No trecho acima, Canellas, com linguagem simples associada a imagens de pessoas usando chapéus, selecionou um trecho da sonora de Durval Sampaio que remete o item a um objeto que cria identidade de um lugar e ajuda a identificar uma pessoa fora do seu local de origem.

A reportagem de Canellas traz dados objetivos, elementos utilizados no jornalismo para potencializar as informações que o repórter quer passar para o público, como os quilômetros percorridos pelo chapeleiro e a quantidade de chapéus produzidos e de oficinas realizadas com crianças. Em outro trecho, a narrativa também traz marcas de uma linguagem mais subjetiva, quando, por exemplo, o repórter explica como funcionam as oficinas em que a personagem ensina crianças a montar e preparar chapéus: “mas eles nunca estarão 100% prontos. São como brinquedos sem acabamentos, só completados pela imaginação de uma criança”.

Como evidenciamos, Marcelo Canellas traz uma narrativa personificada em que o repórter pouco aparece, o foco está nas falas, nas ações e na interação da personagem central com os outros entrevistados. As informações jornalísticas são narradas a partir da utilização de recursos que tornam a história de Durval Sampaio acessível ao público.

Rubem Braga utilizava notícias publicadas nos jornais como enredos para suas narrativas, um exemplo é *O motorista 8-100*. A crônica é construída a partir de uma nota publicada no jornal *Correio da Manhã* por um repórter que todo domingo escrevia “uma página inteira de tristezas”, mas que um dia foi convidado a ver uma bela cena em uma avenida do Rio de Janeiro. É a partir do olhar de outra pessoa, o repórter, que o

narrador se apropria da situação e a toma como se dela fizesse parte, como podemos observar no seguinte trecho:

Pois esse colega foi convidado, outro dia, a ver uma coisa bela. Que estivesse pela manhã bem cedo junto ao edifício Brasília (o último da Avenida Rio Branco, perto do Obelisco) para assistir à coleta de lixo. Foi. Viu chegar o caminhão 8-100 da Limpeza Urbana, e saltarem os ajudantes, que se puseram a carregar e despejar as latas de lixo. Enquanto isso, que fazia o motorista? O mesmo de toda manhã. Pegava um espanador e um pedaço de flanela, e fazia o seu carro ficar rebrilhando de limpeza. Esse motorista é "um senhor já, estatura mediana, cheio de corpo, claudicando da perna direita; não ficamos sabendo seu nome" (BRAGA, 1986, p. 86).

A crônica, escrita em março de 1949, tem como personagens o repórter, o motorista e o narrador. O texto se desenvolve em torno do motorista do caminhão de limpeza e o fio condutor da crônica é a ação deste motorista durante o recolhimento do lixo. O narrador demonstra certo encantamento pela cena narrada pelo repórter, pela atitude do condutor, o que o leva a fazer reflexões sobre comportamentos e posturas diante da vida.

O repórter alimenta sua coluna no jornal com notícias tristes, como problemas enfrentados pela população; o motorista conduz um veículo que circula por uma cidade recolhendo lixo e entulho que são descartados pela população, uma atividade que é desvalorizada e carrega o estigma da invisibilidade social. O repórter e o motorista do caminhão de lixo vivenciam situações e contextos diferentes no ofício que desenvolvem, contudo, há algo que aparentemente os aproxima: o fato de não terem se endurecido pela natureza do trabalho. A aproximação fez com que o repórter percebesse, na sutileza da atitude do motorista, uma postura diferenciada em relação a sua atividade laboral e ao comportamento que se é esperando em situações semelhantes.

De certa forma, ocorre uma quebra de expectativa no comportamento de ambos. O narrador observa que o repórter que sempre trata das coisas ruins “não sabe apenas reportar as coisas da rua como também as coisas da alma” e que o motorista que carrega lixo está preocupado em manter o seu veículo de trabalho limpo. É tomando como referência estes cenários que o narrador discorre sobre a vida e o comportamento humano, a partir do ditado popular de que a esperança é a última que morre:

É costume dizer que a esperança é a última que morre. Nisto está uma das crueldades da vida: a esperança sobrevive à custa de mutilações. Vai minguando e secando devagar, se despedindo dos pedaços de si mesma, se apequenando e empobrecendo, e no fim é tão mesquinha e despojada que se reduz ao mais elementar instinto de sobrevivência. O homem se revolta jogando sua esperança para além da barreira escura da morte, no reino luminoso que uma crença lhe promete, ou enfrenta, calado e só, a ruína de si mesmo, até o minuto em que deixa de esperar mais um instante de vida e espera como o bem supremo o sossego da morte (BRAGA, 1982, p. 142).

A ideia de que a esperança é a última que morre, com conotação positiva, é questionada na narrativa. Rubem Braga sentencia que a esperança sobrevive à custa de mutilações, o que, muitas vezes, pode ser um suplício para o homem que passa a sobreviver criando expectativas diante de um futuro desconhecido. O homem acaba utilizando a crença de um futuro melhor para fugir do presente, deixando de encarar a realidade e de ter atitudes que provoquem mudanças.

Para o cronista, a vida pode ser vivida de várias formas e a escolha depende do olhar de cada um sobre as emoções, as vivências e as crenças experimentadas. A esperança pode ir morrendo aos poucos, deixando o homem mais empobrecido e descrente das coisas boas que estão à volta, mas a atitude que tomamos diante das dificuldades e da tristeza é que torna a existência mais otimista e positiva.

Para Rubem Braga, a ação do velho motorista nos dá uma boa lição através de um silencioso protesto. O cronista considera que o motorista não é um conformado, que aceita o que a vida lhe impôs, de catar lixo e imundices, porque ele supera a missão com um protesto de beleza e de dignidade. Faz ainda uma correlação entre aqueles que recebem com a mão suja os bens da vida e o motorista do caminhão 8-100. Enquanto os primeiros colhem os resultados de uma vida que as desmerece e avilta, o motorista parece dizer aos homens da cidade: “o lixo é vosso: meus são estes metais que brilham, meus são estes vidros que esplendem, minha é esta consciência limpa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas de Braga e de Canellas possuem especificidades que ajudam a compreender melhor a aproximação entre crônica e reportagem, mas também têm características que as diferenciam, especialmente por serem escritas para duas áreas do

conhecimento e utilizarem meios diferentes para a divulgação. Nos jornais impressos, Braga só contava com a linguagem escrita para se comunicar com o leitor. Já Marcelo Canellas tem, com a reportagem televisiva, recursos audiovisuais que permitem que suas narrativas sejam interpretadas através do texto, do som e da imagem.

Considerando apenas os textos de ambos, observa-se que algumas estratégias narrativas aproximam a crônica de Rubem Braga e a reportagem de Marcelo Canellas. As crônicas e as reportagens, além de narrarem fatos do cotidiano, possuem linguagem simples e coesa e o discurso é construído de forma coloquial, próximo da oralidade. Os textos têm caráter informativo, trazem esclarecimentos, provocam reflexões e apresentam lições para os leitores e os espectadores. As estratégias textuais são usadas para envolver e aproximar o público.

Braga e Canellas descrevem as situações detalhadamente e exercem o papel de *flâneur*, no sentido de observar o meio e de extrair do que viram e vivenciaram situações para serem narradas. Os dois são narradores que encontram histórias pelas ruas da cidade e tratam de temas densos através de recursos poéticos. Outra característica da crônica que também observamos na reportagem de Canellas é a construção de narrativas com o tom de conversa e como se não tivessem algo importante para dizer. A personalização está presente nas narrativas de Rubem Braga e de Marcelo Canellas, que escrevem relatos humanizados e textos verossímeis. As personagens são as condutoras das narrativas do cronista e do repórter e é contando histórias de pessoas que eles estabeleceram o contrato de leitura com seus públicos.

As crônicas de Rubem Braga e as reportagens de Marcelo Canellas se aproximam, mesmo com as peculiaridades de cada gênero e de cada área do conhecimento. Canellas traz em suas narrativas marcas dos textos de Braga ao escrever, especialmente, sobre assuntos ligados ao cotidiano das pessoas e aos sentimentos humanos. O repórter apresenta fatos e personagens que aparentemente trazem situações simples, mas que possuem questões reflexivas, assim, como o cronista, possibilitando a aproximação entre literatura e jornalismo nas narrativas.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Onde andar\u00e1 o velho Braga? In: _____. **Outros achados e perdidos**. S\u00e3o Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Enigma e coment\u00e1rio: ensaios sobre a literatura e experi\u00eancia**. S\u00e3o Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BARBOSA, Marialva. **Hist\u00f3ria cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BRAGA, Rubem. O motorista do 8-100. In: _____. **O homem rouco**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

CANDIDO, Antonio [et. al.]. **A Cr\u00f4nica: o g\u00e9nero, sua fixa\u00e7\u00e3o e suas transforma\u00e7\u00f5es no Brasil**. Campinas / Rio de Janeiro: Ed. da UNICAMP / Funda\u00e7\u00e3o Casa de Rui Barbosa, 1992.

CANELLAS, Marcelo. Chapeleiro cruza o Brasil e espalha mais de 11 mil cria\u00e7\u00f5es personalizadas, **Fant\u00e1stico**, TV Globo, 20 abr. 2014. [TV]. Dispon\u00edvel em: <<http://g1.globo.com/fantastico/videos/t/edicoes/v/chapeleiro-cruza-o-brasil-e-espalha-mais-de-11-mil-criacoes-personalizadas/3293904/>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

_____. Nem imparcial, nem engajado: o rep\u00f3rter como art\u00edfice da not\u00edcia. In: CANELA, Guilherme (Org.). **Pol\u00edticas p\u00fablicas sociais e os desafios para o jornalismo**. S\u00e3o Paulo: Cortez Editora, 2008.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e t\u00e9cnica de entrevista e pesquisa jornal\u00edstica**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

_____. **Estrutura da not\u00edcia**. 6. ed. S\u00e3o Paulo: \u00c1tica, 2006.

_____. **Linguagem jornal\u00edstica**. 3. ed. S\u00e3o Paulo: \u00c1tica, 1990.

LAURITO, Ilka. Hist\u00f3ria. In: BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Cr\u00f4nica: hist\u00f3ria, teoria e pr\u00e1tica**. S\u00e3o Paulo: Scipione, 1993.

MARTINS, Jaqueline Lemos. **O autor e o narrador nas tessituras da reportagem**. [Tese de Doutorado]. S\u00e3o Paulo: ECA/USP, 2016.

MEDINA, Cremilda. **Not\u00edcia, um produto \u00e0 venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. S\u00e3o Paulo: Summus, 1988.

MOIS\u00c9S, Massaud. **Dicion\u00e1rio de termos liter\u00e1rios**. S\u00e3o Paulo: Cultrix, 2004.

_____. **A Criação Literária**. Prosa – II. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

MUNIZ, Sodré; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

RIBEIRO, Carlos. **Caçador de ventos e melancolias**: um estudo da lírica nas crônicas de Rubem Braga. Salvador: EDUFBA, 2001.

_____. Revendo Braga: olhar renovado sobre um cronista combativo. **Recôncavos: Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras**, Cachoeira, Bahia, n. 3 (2), p. 87 – 101, 2009.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimos a notícia**: uma história social dos jornais nos estados Unidos. Trad. Denise Jardim Duarte. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SOARES, Marcus Vinícius Nogueira. **A crônica brasileira do século XIX**. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SOUSA, Patrícia de Castro. **João do Rio: o repórter com alma de flâneur conduz a crônica-reportagem na belle époque tropical**. [Dissertação de Mestrado]. Santa Maria, RS: UFSM, 2009.

SOUZA, Jennifer. Para Canellas, a boa matéria é aquela que revela as desigualdades e contradições do nosso país. In: PAIXÃO, Patrícia (Org.). **Mestres da reportagem**: alunos de Jornalismo da FAPSP. Jundiaí, SP: Editora In House, 2012.

SOUZA, Sidney Barbalho de. **Marcelo Canellas, por um jornalismo humanista**. Jundiaí, SP: Editora In House, 2015.

Recebido em 20 de abril de 2021.

Aprovado em 26 de maio de 2021.